

**PALESTRA DO PROFESSOR JOÃO NICOLAU CARVALHO NA MESA REDONDA “PNL E APRENDIZAGEM” APRESENTADA NO 1º CONGRESSO LATINO AMERICANO REALIZADO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO ENTRE 12 E 14 DE SETEMBRO DE 2003.**

Caros e caríssimas Colegas,

Imaginemos a seguinte cena: um aluno na faixa etária dos 10/11 anos acaba de receber de seu professor ou professora, o trabalho de classe, verifica a nota e comenta, certamente já preocupado com a reação em casa:

-- Professora, a minha nota foi 5 (cinco)?!

--Claro, você acertou apenas a metade!

Imaginemos a mesma cena, com a professora dando-lhe uma resposta bastante diferente da primeira, a reação inicial do aluno a mesma:

-- Mas professora, cinco?!

-- Meus parabéns, você já tem cinco de conhecimento. Que tal chegar a ganhar uma nota 10 (dez). *Como é que você estuda esta matéria?*

A primeira cena se repete, diariamente, em todo o país, variando um pouco em função da sensibilidade do professor/professora.

A segunda imagem vem de um professor ou professora que trabalha com PNL em sala de aula, e, é acima de tudo, um docente motivador ou motivadora. Aproveitou a reclamação do aluno para verificar sua estratégia de aprendizagem, e melhorá-la .

Minha participação, aqui, na mesa-redonda com o Huáras Duarte e o Walter Herrmann, sob a presidência do Nelson Marins, visa dar-lhes algumas informações, e um depoimento, de como estamos aplicando a PNL no campo da educação, quer como consultor, quer como instrutor da Faculdade Decisão e como professor da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Vocês já depararam que a grande mudança, nesse Brasil afora, na educação básica, de primeiro e segundo graus, foi à cor e a nomenclatura do quadro de escrever, que antes se chamava quadro-negro, e hoje se chama quadro de giz?

A sociedade já ingressou na era da comunicação eletrônica, mas a nossa escola, não. Diariamente nossa população se envolve sensorialmente com o circuito eletrônico, *que não é o prolongamento de um sentido específico,*

*mas a extensão do nosso sistema nervoso central.*

Enquanto a escola se mantém estacionada no tempo e no espaço -- a criança, sua futura cliente, nem bem cortado o cordão umbilical, é presenteada com as babás eletrônicas, as "xuxas" *desgramaticalizadas* mas muito íntimas da nova geração de instrumentos eletrônicos. Muitas vezes mais que com os seus próprios pais.

As informações trazidas pelos meios eletrônicos de comunicação invadem nossos poros, tateando nossos corpos, saturando-os de cinestésias. E de solidão. Quando não de um caos mental. A televisão, o computador, não são extensões do ensino regular – são seus rivais dinâmicos, coloridos.

As crianças de nossas grandes cidades, estão muito afastadas do ambiente natural, marcam-nas mais os ruídos dos rádios e da televisão, o trânsito urbano, o experimento tátil e visual com o computador, que os sons e as imagens primordiais da natureza, e os afetos maternos e familiares são cada vez mais raros. Por falta de tempo, por inexistência de uma política de Estado que permita acompanharmos melhor o crescimento e educação de nossos filhos.

Essas prematuras impressões e saturação *da magia eletrônica* os conduzem a um desenvolvimento desigual dos diferentes canais perceptuais, com a conseqüente limitação das experiências vitais, inclusive na coordenação motora.

A microeletrônica, os *chips*, o verticalismo das cidades, o amontoamento das favelas, a natureza transformada, *desnaturalizada*, agredida na realidade; o computador, a biotecnologia, a biologia molecular, os *ets* eletrônicos, a engenharia genética, a medicina nuclear, a inteligência artificial, a robótica, as viagens interplanetárias, a clonagem, apenas são *mencionadas* nas escolas mas já perambulam pela sociedade como parte de nosso cotidiano.

A nossa escola está muito aquém do que está acontecendo da sociedade. Na verdade não está preparada para ser o instrumento de integração ecológica entre o passado, o presente e o *novo*.

O terceiro milênio escancarado, a geração tv-geração apartamento-computador (e a da favela) eletronicamente ligada ao planeta, *massificada por um universo eletronicamente cinestésico, mas que paradoxalmente não é tátil*, desnacionalizada, que sabe mais sobre o mundo, aos 10 anos, que seu bisavô aos sessenta, continua institucionalmente ligada à escola linear, fragmentária, trabalhando com fatos acontecidos, enquanto na televisão e no computador global, cloridamente, fatos simultâneos da África, da Ásia, das Américas, Saddam e Bush, acontecem ante seus olhos, seus ouvidos, seus sentidos, com sua participação emocional – mas sem preparo físico e psicológico para *administrar* dentro de si tais eventos.

**E estamos produzindo pessoas com quantidade incomum de informação, que não sabe digerir a informação. Estamos criando a geração que a Unesco chama de analfabeto funcional.**

**Mas nós temos à disposição um excelente software de aprendizagem para o melhor computador do mundo: o nosso cérebro.**

**É só ressignificar nossas escolas, reciclar nossos professores e governantes, e começar a utilizar criativamente nosso cérebro. Instrumento? Há diversos. Conheço um: a PNL-Programação Neurolingüística.**

**Quatro (4) foi a nota em história. A nota máxima conseguida por um aluno de 1º grau. A mãe, preocupada, me procurou. O garotinho nem bem entrou na sala, correu para a janela do consultório. Captara gritos entusiasmados de alguns meninos. E o som de bola. A minha sala de então dava fundos para um bloco de apartamentos, onde havia uma mini-quadra de futebol. A mãe impacientou-se. Mas lhe fiz um discreto um sinal. Fiquei atento ao olhar entusiasmado do menino para o grupo, lá embaixo, (estávamos no terceiro andar), jogando uma "pelada".**

**-- Gosta de futebol? -- indaguei.**

**Os olhos e os gestos do menino transmitiam pura alegria. Tio, eu já peguei um pênalti! E fez o gesto característico de segurar firmemente uma bola. Estava relatando, sem expressar, sua estratégia com a bola: vê-la, segurá-la, senti-la no peito como extensão do próprio corpo. Excelente goleiro, e 4 em História.**

**Conversei mais um pouco com ele, sempre em *rapport*, capturando palavras e inserindo-as em minhas frases. Granjeei, finalmente, a sua simpatia ensinando-lhe algo para aprimorar mais ainda o futebol, jogar com os dois pés, segurar a bola com firmeza, melhorando a lateralidade.. Ensinei-lhe o Chart Neurolingüístico.**

**Para mãe, que iria servir de professora em casa sugeri que, com carinho, com afeto, com motivação, mostrasse ao filho mapas históricos, mapas da época de Cabral, mapas com o roteiro do descobrimento do Brasil, e que frisasse que nas caravelas cabralinas também havia jovens, *grumetes*, espécies de "office-boys" dos comandantes. *Ver e sentir. Ver os mapas, seu novo campo de futebol, e sentir-se participante da maratona do descobrimento.***

**Um determinado momento ele me disse que gostaria de possuir uma camisa 10, igual a do Zico.**

**--Mas você não é goleiro?**

-- Os goleiros usam camisas de qualquer cor. Eu quero uma camisa do Flamengo.

Na outra sessão criei uma história -- uma metáfora, irmanando camisa nota 10 com História nota 10.

No final do ano letivo , a média não foi 10, claro, havia alguns 4 atrapalhando, mas foi aprovado e muito bem aprovado em História -- e ganhou, de presente, uma camisa do *Mengo* seu time de coração.

Há que se destacar que a mãe, professora universitária, seguiu fielmente os passos sugeridos para ensinar o filho em casa. O garoto ficou tão animado com os exercícios do Chat Neurolingüístico que me perguntou se poderia ensinar o seu time, *não os adversários, tio o meu time*. Melhorando o aprendizado em classe e aprendendo a liderar.

O *Chart* melhora a concentração, a lateralidade, mais ligações neuronais entre os hemisférios direito e esquerdo de nosso cérebro, e tudo isso está numa simples folha de papel. Mínimo de investimento.

Na verdade, nossos professores aprendem belas teorias de Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, etc., mas não lhes ensinam nenhuma ferramenta lúdica que gere motivação em nossos alunos.

Também no ensino superior, você depara com algo parecido. Ausência de motivação. *Desconhecimento de técnicas para aprender a aprender*. Estamos fazendo, semestralmente, uma experiência numa faculdade, a Decisão, ensinando diversas técnicas de PNL aos alunos. No início do semestre, na verdade no primeiro dia de aula, pergunto-lhes quando irão se formar, quando adquirirão o título de Bacharel.

Ninguém sabe, claro, mas grande parte dos estudantes americanos e europeus se conscientizam imediatamente da data da formatura, pois no ato de matrícula assinam um compromisso com a entidade que lhes deu bolsa de estudo, de concluir o curso no dia, mês e ano acordado no contrato.

Ao tomarem conhecimento da data da formatura incorporam o Estado Atual, e a se compromissarem com o Estado Desejado. Através de exercícios incorporam, então, os recursos necessários para atingir os objetivos.

É o que faço com os alunos: levanto suas estratégias representacionais, ensino-lhes a vivenciar âncoras, inclusive do estado de excelência, dou-lhes noções sobre quais disciplinas exigem uma atitude mais visual, mais auditiva, cinestésica. Vivenciamos relaxamento, faço algumas induções ericksonianas, -- e no último dia de treinamento, realizamos *um passeio ao futuro*, cada um recebendo seu diploma de bacharel, num salto virtual ao dia da formatura. Os resultados têm sido muito bons, menos desistência,

mais motivação, mais aprendizagem.

Na Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, até a pouco, fazíamos seminários vivenciais para melhorar a criatividade. E, agora partimos, para uma experiência institucional. A UDESC implantou a disciplina “Criatividade em Educação”, onde serão ensinados e vivenciados instrumentos da PNL, e técnicas de mapas mentais. *Ou seja, iremos ensinar aos futuros professores como ensinar o aluno a aprender a aprender.*

A PNL nasceu fora do mundo acadêmico, embora em salas da universidade. Mas nos EUA a Programação Neurolingüística já está sendo utilizada como instrumento importante na área motivacional. Principalmente em seminários de extensão. No Brasil, ao que eu saiba, a Fundação Getulio Vargas tem a PNL como disciplina optativa, sob a responsabilidade de Tom Chung. No Rio Grande do Sul, está lá no site, cursos de extensão da Universidade Federal, organizados pelo prof. Sergio Spritzer. A FMU-Faculdade de Educação Física em São Paulo, vêm ensinando seus acadêmicos as técnicas de PNL. Também na UDESC inserimos a PNL em cursos de pós-graduação de Administração, e de Educação Física, gerando inclusive monografias temáticas.

]

Através do sistema de vídeo-conferência, atingindo simultaneamente, quase uma vintena de cidades catarinenses, ministramos técnicas de PNL para licenciados em Educação Física, em curso de especialização a nível acadêmico. Foi uma experiência muito interessante, grande parte dos pós-graduandos não conhecia Programação Neurolingüística. Houve abaixo-assinado para novos cursos.

*Rapport*, modelagem, âncoras, estratégia criativa de Walt Disney, Passeio ao Futuro, levantamentos estratégicos, visualizações, relaxamento, metáforas, redação com palavras específicas, melhoria do estado emocional, exercícios motivacionais, Chart Neurolingüístico, mapas mentais, técnicas de leitura, *rapport*, muito *rapport*, induções criativas, são algumas das ferramentas que tenho utilizado nas salas de aula e nos seminários, com resultados cada vez melhores.

A experiência de criar uma disciplina “Criatividade em Educação”, no curso de Pedagogia tenho certeza que será um marco experimental de primeira grandeza.

A PNL não é nenhuma panacéia, mas que ajuda, ajuda -- e poderá ser um excelente instrumento para diminuir profundamente o índice de analfabeto funcional, que segundo a UNESCO chega a 23% dos estudantes brasileiros na faixa dos 15 anos. *Oito anos de banco escolar e funcionalmente analfabeto.* Dinheiro e energia colocados fora. Um grande desafio para todos nós, que almejamos um país mais justo, só alcançável com a educação do povo como corolário institucional de nossa cultura, que daria instrumentos criativos para gerenciar ecologicamente nossa vida e

**modificar para melhor a sociedade brasileira.**

**Muito obrigado.**